



A RELAÇÃO COLONIAL E A LUTA PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL EM ALBERT MEMMI E FRANTZ FANON

THE COLONIAL RELATIONSHIO AND THE STRUGGLE FOR NATIONAL LIBERATION IN THE WORKS OF ALBERT MEMMI AND FRANTZ FANON

Debora Strieder Kreuz*

Resumo: O texto analisa alguns aspectos do pensamento de dois autores que refletiram acerca da relação colonial e da posterior luta de libertação nacional, em especial no norte da África. São eles: Albert Memmi, na obra clássica *Retrato do Colonizado precedido de Retrato do Colonizador*, publicado em 1955, e Frantz Fanon, nos textos que compõe a livro *Os condenados da Terra*, de 1961. Pretende-se analisar a forma como os autores consideram o desenvolvimento d a situação colonial e a luta pela independência em relação à metrópole, destacando aspectos que se referem em específico à luta argelina, que se desenrolou entre 1954 e 1962.

Palavras-chave: Albert Memmi. Frantz Fanon. Luta de libertação.

Abstract: The text analyzes some aspects of two authors' thoughts about the colonial relationship and the subsequent national liberation struggle, especially in North Africa. They are: Albert Memmi, in the classic work of Portrait of the Colonized preceded by Portrait of the Settler, published in 1955, and Frantz Fanon, in the texts that compose the book Condemned of the Earth, published in 1961. It is intended to analyze the way the authors consider the development of the colonial situation and the struggle for independence in relation to the metropolis, highlighting aspects that refer specifically to the Algerian struggle, which took place between 1954 and 1962.

Keywords: Albert Memmi; Frantz Fanon. Colonial Relationship.

Durante o século XIX, em grande parte do mundo, a expansão do capitalismo apresentou-se sob uma nova forma: o imperialismo. Sobre tal momento, Hobsbawn (1988, p.91) afirma: “Entre 1876 e 1915, cerca de um quarto da superfície continental do globo foi distribuído ou redistribuído, como colônia, entre meia dúzia de Estados.”. A Conferência de Berlim, realizada entre 1884 e 1885 foi um marco nesse processo, pois dividiu o continente africano, parte do asiático e a Oceania entre as potências europeias, de acordo com seus interesses. A partir de então, de forma mais intensa, tais locais se viram ocupados de forma violenta e destruidora, de forma que o objetivo central da invasão era fornecer matérias-primas

* Professora do Curso de História da UESPI- Campus Professor Possidônio Queiroz/Oeiras (PI) / Doutoranda em História UFRGS.



para o abastecimento das indústrias situadas na Europa. Além da dominação, econômica, estabeleceu-se uma política de segregação para os habitantes originários daqueles espaços.

O fenômeno imperialista foi curto em critérios temporais, para Hobsbawm (1988) o espaço de uma vida, mas suas consequências ainda permanecem: basta que observemos os conflitos presentes no continente africano em decorrência da delimitação das fronteiras que colocaram povos historicamente inimigos sob um mesmo espaço geográfico, da mesma forma em que destruíram violentamente sociedades complexas.

Para Henriques (2014), o colonialismo do século XIX se baseia em algumas premissas que, atuando de forma articulada, compõe o fenômeno: o plano econômico, da busca por riqueza e expansão comercial; o ideológico, na necessidade de justificação da exploração; e político, onde uma série de instituições para a manutenção do poder da metrópole foram colocadas a serviço do colonizador. Em síntese:

[...] colonizar é um exercício que visa desmemorar as populações em relação à sua própria história, introduzindo a história do colonizador e construindo uma nova memória, onde uns e outros são hierarquizados de acordo com a ordem do colonizador, marcando de forma definitiva a valorização do mesmo, a desvalorização e a recusa do outro. (HENRIQUES, 2014, p.49).

A partir de tais aspectos, que teve distintos momentos e formas de resistência em relação aos povos dominados, situamos, de maneira ampla, o trabalho. A análise específica se concentra na situação colonial e no processo de luta pela libertação nacional, em especial na Argélia, que teve início em 1954. Busco compreender tal processo em virtude da importância que o sucesso dessa luta teve para que outras se desenvolvessem, dentro da perspectiva de luta revolucionária de libertação nacional. Dessa forma, divido o texto em dois momentos: no primeiro localizo temporal e geograficamente a resistência ao colonialismo no Oriente Médio, com destaque para o caso argelino; na sequência, analiso dois componentes de duas obras consideradas sobremaneira relevantes para os estudos sobre o imperialismo e a sua compreensão: *Retrato do Colonizado precedido pelo Retrato do Colonizador*, de Albert Memmi e *Os Condenados da Terra*, escrito por Frantz Fanon. Os elementos que analiso nos seus textos são a situação colonial e a relação entre colonizador e colonizado, bem como a posterior luta pela libertação nacional. Antes, porém, apresento os autores cujas obras são objeto de análise:

Albert Memmi nasceu na Tunísia em 1921 e, sendo judeu e filho de pai italiano, reflete sobre a sua situação – em que espaço da colonização estava colocado. Nas suas palavras: “[...]”



realizei este inventário sobre a condição do colonizado primeiramente para compreender a mim mesmo e identificar meu lugar entre os outros homens.” (2007, p.13). Estudou Filosofia em Túnis e depois em Paris. Em 1956, após a independência do seu país, transfere-se para a França, adquirindo a nacionalidade francesa. Desde então é professor universitário na capital do país e continua a refletir sobre o colonialismo e a situação ampla dos colonizados. O texto em análise, *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, foi publicado inicialmente em 1957, ou seja, no desenrolar da guerra de libertação argelina.

Frantz Fanon nasceu em 1925 na Martinica e, como cidadão francês e médico psiquiatra, lutou pelo exército colonial. Ao perceber os horrores da guerra e do quão violento, física e psicologicamente, era o colonialismo, deserta do exército e passa a servir na Frente de Libertação Nacional (FLN) e lutar ao lado dos argelinos. Suas preocupações político-filosóficas permeiam praticamente toda a obra. Faleceu jovem, em 1961, quando o processo de libertação ainda não estava completo, mas deixou uma vasta obra. Os textos em análise compõe o livro *Os condenados da terra* que foram publicados inicialmente em 1961. Ambas as obras foram prefaciadas por Jean Paul Sartre, intelectual engajado politicamente e que se manifestava a favor da luta argelina.

A resistência ao imperialismo no Oriente Médio: breves considerações

A resistência ao colonialismo esteve sempre presente, nas mais distintas formas. Roberta Vicenzi (2006) analisa o nacionalismo árabe como um fenômeno que possui importância no processo de libertação e que se refletiu em três momentos principais¹. O primeiro deles, entre fins do século XIX e até o término da Primeira Guerra Mundial, caracteriza-se pela solidariedade religiosa muçulmana, com a preponderância de um elemento de cunho cultural.

O segundo momento, em que o sentimento nacional aparece após o término da guerra, a partir do enfraquecimento dos estados colonialistas e, sobretudo, o esfacelamento do Império Otomano, ganha um componente político. Após o Egito se tornar semi-independente² da Grã-Bretanha o fenômeno ganhou mais força. Para a autora, perdurou até a criação do estado de

¹ Como o objeto em específico de análise se situa no norte do continente africano, optamos por apresentar a resistência característica daquele espaço.

² Estabeleceu-se um sistema parlamentarista monárquico pelos egípcios, embora os britânicos mantivessem o controle militar do território.



Israel e se caracterizava, em especial, pela presença do elemento anti-colonial. A religião, considerada relevante no momento anterior, passa a ser um aspecto secundário. Vicenzi (2006, p. 100) afirma que:

[...] a ideia de nação árabe (no sentido cultural), enfatizada pelos arabistas desde, pelo menos, metade do século XIX, foi fortemente acrescida pela ideia de independência e foi ganhando adeptos mais vigorosos a partir do término da I Grande Guerra e à medida que a nova colonização ficava mais evidente e intensa. (VICENZI, 2006, p.100)

Nos dois momentos analisados Vicenzi ressalta o caráter elitista do nacionalismo, ou seja, vinculado com a possibilidade dos sujeitos que o representavam conhecerem a metrópole e tomarem consciência da realidade nacional. Na sequência, atinge grupos da elite política que buscam participar do poder, embora ele estivesse concentrado nas mãos coloniais.

Abdel Gamal Nasser, com a nacionalização do Canal de Suez em 1956 e sua política pan-arabista, inaugura a terceira fase no nacionalismo, de acordo com a perspectiva de Vicenzi (2006). Para a autora, foi o momento em que a perspectiva nacional alcança as massas populares, sobretudo a partir da imprensa, da difusão do rádio e dos constantes momentos de tensão com o estado israelense, em grande medida apoiado pelos países europeus dominantes e Estados Unidos. Além disso, a presença maciça de refugiados palestinos fez com que se ampliasse novamente a solidariedade étnica e religiosa.

Nessa terceira fase, ao mesmo tempo em que se intensificam os projetos nacionais, novas formas de articulação política surgem e causam conflitos. Alguns estados, como o Egito e a Argélia tentam o desenvolvimento de um socialismo considerado de tipo árabe, enquanto que Arábia Saudita, Marrocos e Síria se tornam monarquias tradicionais. A presença de setores nacionalistas nos exércitos também passa a ser percebida e tensões surgem em relação ao seu *modus operandi*. Não se pode esquecer que Nasser era militar e assumiu o poder por meio de um golpe de estado em 1956.

É nesse terceiro momento que se situam as obras dos autores cujas proposições são objeto de análise: Albert Memmi e Frantz Fanon. Caracterizados pelo que Devés-Valdés (2008) chama de Pan-Africanismo de terceira geração e preocupados com as relações coloniais, as quais Memmi (2007, p.15) caracteriza como “[...] situação explosiva por natureza”, situam-se em uma geração de pensadores cujos textos, para além da discussão sobre o colonialismo, preocupam-se com a luta de libertação e o que será feito depois dela. Dois serão os pontos



principais de análise: a forma como a relação colonial ocorreu e o processo de libertação em relação a metrópole, no caso específico, a França.

A relação colonial

A relação que se estabelece entre colonizador e colonizado, como já referenciamos em Memmi é “explosiva por natureza”. Isso porque ela é baseada no privilégio de alguns poucos colonos que vem da metrópole sobre os habitantes originários do espaço colonizado. A violência é a marca desse processo, seja física ou simbólica. Nas palavras de Fanon (2005, p.52): “Foi o colono que *fez e continua a fazer* o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial.”. Ou seja, para os pensadores a relação colonial se baseia nessa dicotomia, e não existe possibilidade de desfazê-la, a não ser pela destruição completa de tal modo de vida, tendo em vista que o colonizado só passa a existir a partir da vinda do colonizador e só será extinto quando não houver mais colonialismo.

Memmi, em sua obra *Retrato do colonizador*, apresenta uma série de características do colono. Ele simplesmente aceita a sua condição de privilegiado ou em algum momento enfrentará dilemas éticos dessa situação. Contudo, essas questões, bem como seu posicionamento, são ineficazes politicamente (2007, p.76), pois ele sempre estará em um local de vantagem sócio-econômica. A opção em aceitar a si como colonialista é a comum:

Aceitar a si mesmo como colonizador seria essencialmente, como dissemos, aceitar-se como privilegiado não legítimo, isto é, como usurpador. O usurpador, é claro, reivindica seu lugar, e, quando necessário, o defenderá por todos os meios. Ele reivindica, porém, como admite, no próprio momento em que triunfa, que dele triunfa uma imagem que ele mesmo condena. Sua vitória *de fato* jamais o preencherá: resta-lhe inscrevê-la nas leis e na moral. Seria necessário para isso que convencesse os outros, se não a si próprio. Ele precisa, em suma, lavar-se de sua vitória e das condições em que ela foi obtida. Daí sua obstinação, espantosa em um vencedor, em relação a aparentes futilidades: ele se esforça para falsificar a história, faz com que os textos sejam reescritos, apagaría memórias se necessário. Qualquer coisa, para conseguir transformar sua usurpação em legitimidade. (MEMMI, 2007, p.90).

Para diminuir a percepção de que é um usurpador e evitar dilemas éticos, tudo o que se refere ao colonizado passa a ser visto como ruim, sem sentido, atrasado, na busca incessante que o colonizador faz de justificar a sua presença naquele espaço. A religião teve um importante papel nesse processo de justificação da inferioridade moral dos colonizados. Dessa forma, chega-se ao racismo. Fanon diz:



Como que para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal. A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, nunca habitaram, o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética. Ausência de valores, e também negação de valor. Nesse sentido, ele é o mal absoluto. (FANON, 2005, p.58).

Em outro momento da obra, ao analisar os distúrbios psiquiátricos causados pelo colonialismo, Fanon continua a reflexão:

Porque é uma negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro todo atributo de humanidade, o colonialismo obriga o povo dominado a perguntar-se constantemente: ‘Quem sou eu, na verdade?’[...] É sempre preciso lembrar que um povo colonizado não é apenas um povo dominado. Sob a ocupação alemã, os franceses permaneceram homens. Sob a ocupação francesa, os alemães permaneceram homens. Na Argélia, não há apenas dominação, mas, literalmente, decisão de ocupar, afinal, somente um terreno. Os argelinos, as mulheres de ‘haik’, os palmeirais e os camelos foram o panorama, o pano de fundo *natural* da presença humana francesa. (FANON, 2005, p.288).

A criação do argelino como uma figura criminosa e selvagem exemplifica esse fato. Ele seria parte natural daquele ambiente, de forma que a presença humana de fato se daria somente com os franceses. Fanon exemplifica com uma série de argumentos supostamente científicos que eram utilizados nas faculdades de medicina para “provar” que eles seriam delinquentes natos. Tanto para Fanon quanto para Memmi o racismo, e tudo que dele deriva, é fundamental para a justificação da relação colonial. Este último afirma:

Um esforço constante do colonialista consiste em explicar, justificar e manter, tanto pelo verbo quanto pelo comportamento, o lugar e a sorte do colonizado, seu parceiro no drama colonial, e, portanto, seu próprio lugar. Ora, a análise da atitude racista revela três elementos importantes:

1. Descobrir e pôr em evidência as diferenças entre colonizador e colonizado.
2. Valorizar essas diferenças em benefício do colonizador e em detrimento do colonizado.
3. Levar essas diferenças ao absoluto afirmando que são definitivas e agindo para que passem a sê-lo. (MEMMI, 2007, p.107-8)

Assim, é criada uma imagem do colonizado como alguém alheio à qualquer valor essencialmente humano. Fanon menciona que para se referir a ele é utilizada uma linguagem zoológica, inclusive (2005, p.59). Memmi fala da desumanização completa dos sujeitos, sempre com referência a algo negativo (2007, p.122). Não haveria assim um sujeito único, mas uma coletividade uniforme desprovida de qualquer espécie de valor. Memmi completa:



A caracterização e o papel do colonizado ocupam um lugar privilegiado na ideologia colonizadora; caracterização infiel ao real, incoerente em si mesma, mas necessária e coerente no interior dessa ideologia. E a que o colonizado dá seu assentimento, perturbado, parcial, mas inegável. (MEMMI, 2007, p.126)

Nesse momento, percebemos que o colonialismo opera de uma forma em que a suposta sujeição do colonizado ao sistema seria o outro aspecto fundamental da relação. Ela opera em todos os sentidos: econômico, político, social, cultural e psicológico. Os indivíduos internalizam que a sujeição é parte da sua vida. Para Memmi: “a situação colonial fabrica colonialistas assim como fabrica colonizados” (2007, p.93). Um não existe sem o outro e, para a sua manutenção uma série de argumentos, como já demonstrado, são utilizados pelo poder colonial.

A violência é outro aspecto fundante de tal relação. Ambos autores ressaltam que sem ela não haveria o colonialismo. Para Fanon (2005, p.54): “O mundo colonizado é um mundo cortado em dois. A linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais.” Ao lembrarmos da clássica obra cinematográfica de Gillo Pontecorvo, *A Batalha de Argel*³, podemos ver tal divisão: a *Casbah*, bairro em que vivem os colonizados na Argélia é constantemente vigiada e dela só saem aqueles que irão trabalhar na cidade, que é dos e para os colonos⁴.

A partir dessa visível separação da sociedade colonial os autores questionam se não poderia haver o processo de assimilação, ou seja, colonizados passarem a atuar no espaço como colonizadores e minimizar os efeitos da colonização. Tanto para Fanon quanto para Memmi essa tentação é sempre presente, tendo em vista o lugar de privilégio que o colono ocupa. Contudo, nas palavras de Memmi (2007, p.165): “Ora, no âmbito colonial, a assimilação se revelou impossível.”. Impossível pois a essência do colonialismo é a dicotomia que dele deriva. E continua: “O candidato à assimilação termina, quase sempre, por se cansar do preço exorbitante que precisa pagar, e que continuará pagando indefinidamente. Descobre também com horror todo o sentido de sua tentativa.” (MEMMI, 2007, p.165). Na perspectiva de Fanon (2005, p.256), a assimilação é um fato que pode ocorrer, especialmente entre o setor intelectualizado que visualiza o mundo metropolitano como o ideal. Mas ressalta que

³ PONTECORVO, 1966, 121 min.

⁴ O momento de maior vigilância é durante a guerra, mas as cenas ilustram de maneira exemplar a segregação realizada pelo colonialismo.



difícilmente tal situação perdura, de forma que a assunção e busca por uma personalidade nacional passa a ser um objetivo constante.

Como demonstrado até aqui, as obras em análise percebem a relação colonial como uma dualidade intransponível: colonizador/colonizado são partes antagônicas, mas que só existem em relação ao outro. Não há possibilidade de negociação para que as diferenças sejam minimizadas, pois a manutenção dos privilégios e da exploração é o que sustenta o colonialismo. Então surge a questão: como romper esse ciclo, de forma que se restabeleça a autonomia nas regiões até então ocupadas? Memmi (2007, p.168) responde: “[...] a condição colonial só pode ser mudada por meio da supressão colonial”. Ou seja, o rompimento total desse ciclo, a libertação nacional, de que trataremos no tópico seguinte.

A libertação nacional

Como já demonstrado no início do texto, a dominação não foi um processo que ocorreu sem resistência. Em maior ou menor medida ela sempre esteve presente. Para Memmi (2007, p.170), ela pressupõe, num primeiro momento, a libertação do colonizado em si: “[...] a libertação do colonizado deve ser efetuada por meio da reconquista de si mesmo e de uma dignidade autônoma.”. Ou seja, perceber-se como sujeito dotado de ação e poder de romper com a relação. Tal processo geralmente é rápido e explosivo. Fanon também destaca esse reencontro consigo:

O combate travado por um povo pela sua libertação o conduz segundo as circunstâncias seja a rejeitar, seja a fazer explodir as pretensas verdades instaladas na sua consciência pela administração civil colonial, pela ocupação militar, pela exploração econômica. E só o combate pode realmente exorcizar essas mentiras sobre o homem que inferiorizam e literalmente mutilam os mais conscientes de nós (FANON, 2005, p.340).

Fanon (2005, p.279) menciona que no decorrer da guerra de libertação: “Tudo concorre para despertar a sensibilidade do colonizado, para tornar inaturais, inaceitáveis as atitudes contemplativas ou derrotistas.”. Fanon também elenca a importância do marxismo nesse processo: compreender as diferenças econômicas como elementos não naturais. Passa a ocorrer uma inversão: o nacionalismo ganha força como um componente da luta pelo fim da opressão colonial:



A exploração colonial, a miséria, a fome endêmica acuam cada vez mais o colonizado para a luta aberta e organizada. Progressivamente e de modo imperceptível, a necessidade de um confronto decisivo se faz premente e é sentida pela grande maioria do povo. (FANON, 2005, p.273)

A explosão do fenômeno nacional⁵, mesmo com as críticas que a ele se possam fazer é um importante aglutinador da causa de libertação: “Ora, por múltiplas causas, históricas, sociológicas e psicológicas, a luta dos colonizados por sua libertação assumiu uma fisionomia nacional e nacionalista pronunciada.” (MEMMI, 2007, p.65). A identificação entre os sujeitos que habitavam o mesmo espaço e muitas vezes inimigos históricos ocorre em função da bandeira da libertação. A partir de então a luta se acentua:

Na descolonização, há pois exigência de um questionamento integral da situação colonial. [...] só pode triunfar se são jogados na balança todos os meios, inclusive, é claro, a violência. [...] O colonizado que decide realizar esse programa, que decide fazer-se o seu motor, está preparado desde sempre para a violência. Desde o seu nascimento, está claro para ele que esse mundo encolhido, semeado de interdições, só pode ser questionado pela violência absoluta (FANON, 2005, p.53).

Após a explosão da consciência nacional, a luta direta é seu reflexo. Não haveria possibilidade nenhuma de negociação: “Para os colonos, a alternativa não está entre uma Argélia argelina e uma Argélia francesa, mas entre uma Argélia independente e uma Argélia colonial. Todo o resto é literatura ou tentativa de traição.” (FANON, 2005, p.107).

O emprego da violência seria parte do processo, tendo em vista que a colonização é, em si, profundamente violenta, de forma que toda a insatisfação popular é canalizada para o combate. O autor continua: “O desenvolvimento da violência no seio do povo colonizado será proporcional à violência exercida pelo regime colonial contestado.” (FANON, 2005, p.107).

Na sua concepção, no caso argelino, a revolta contra o colonialismo se iniciou no campo e, a partir de então, tomou conta das cidades tendo sempre com o espírito nacional em vista:

Os múltiplos grupos rebeldes nascidos nos campos atestam, nos lugares onde estouram, a presença ubíqua e geralmente densa da nação. Cada colonizado em armas é um fragmento da nação viva agora. Esses grupos põem em perigo o regime colonial, mobilizam as forças desde, dispersando-as, ameaçando a

⁵ Não pretendo teorizar acerca das críticas ao conceito de nacionalismo e a sua apropriação para a análise de movimentos de cunho nacional que não se localizam no continente europeu. Contudo, para a compreensão do fenômeno político em tela, a independência da colônia em relação à metrópole, penso que o termo, compreendido como identificação em relação a um invasor comum, é de utilidade.



todo instante asfixiá-las. Obedecem a uma doutrina simples. Façam com que a nação exista. Não há programa, discursos, resoluções, tendências. O problema é claro: é preciso que os estrangeiros partam. Vamos constituir uma frente comum contra o opressor e reforçemos essa frente pela luta armada (FANON, 2004, p.154).

Para Fanon (2005, p.78) o único grupo capaz de realizar o processo revolucionário de libertação na Argélia é o campesinato, em virtude da quase total ausência de um proletariado urbano: “[...] nos países coloniais, só o campesinato é revolucionário. Ele não tem nada a perder e tudo a ganhar. O camponês, o desqualificado, o faminto são os explorados que descobrem mais depressa que só a violência compensa.”.

Após a chegada da luta nas cidades ocorreria a contrarreação francesa e a intensificação dos combates. Como sabemos, a luta de independência da Argélia foi longa, sangrenta e deixou o país em ruínas. O exército francês, a partir da sua anterior experiência na Indochina, estabeleceu a doutrina da guerra contrarrevolucionária, onde a tortura passou a ser sistematicamente utilizada⁶, aspecto também problematizado no filme *A Batalha de Argel*.

A independência foi conquistada e a Argélia praticamente destruída. Os autores das obras ora em análise escreveram seus textos antes do seu fim. Portanto, no calor dos acontecimentos, do término da revolta colonial. Imaginavam o porvir, mas este se mostrou diferente. Partindo da análise preconizada pela teoria marxista, Fanon menciona que o nacionalismo existente até aquele momento deveria ser transformado em consciência social, para que o país recém independente avançasse:

O nacionalismo não é uma doutrina política, não é um programa. Se quisermos verdadeiramente evitar ao país esses retrocessos, essas paradas, essas falhas, é preciso passar, rapidamente, da consciência nacional para a consciência política e social. A nação não existe em parte alguma, a não ser num programa elaborado por uma direção revolucionária e retomado lucidamente e com entusiasmo pelas massas (FANON, 2005, p.232-3).

Na sua análise, a burguesia nacional argelina, que era praticamente inexistente, tendo em vista que o controle dos meios de produção estava com os franceses, ao não adotar uma política de interesse da nação, não cumpriria seu papel e apenas se colocaria no lugar dos antigos colonizadores. Os partidos nacionalistas, ao não dialogarem com as massas, não teriam cumprido seu papel histórico.

⁶ A Doutrina Francesa foi amplamente difundida em outras partes do globo. Na América Latina, durante as ditaduras de segurança nacional, militares ofereciam cursos de tortura e combate a guerra revolucionária. Para mais detalhes: DUARTE-PLON, 2016.



Quase 50 anos depois Memmi publicou a obra *Retrato do descolonizado árabe-muçulmano e de alguns outros*, no qual avalia o que ocorreu após as guerras de libertação. Sua postura é distinta do primeiro momento, pois vivenciou outras situações e lançou outro olhar sobre o período em tela, a partir da análise do que aconteceu. Suas conclusões são no sentido de que o novo grupo dirigente seria tão violento e explorador quanto aquele que foi expulso: “[...] muda-se apenas de senhor, e o atual é por vezes mais tirânico que o anterior; como as sanguessugas jovens, as novas classes dirigentes são frequentemente até mais ávidas.” (MEMMI, 2007, p.18). Sua análise, de maneira ampla, é profundamente marcada pela decepção em relação ao que ocorreu após a independência.

Fanon não pode ter o mesmo olhar retrospectivo. Nem viu o término da guerra. Porém, no trecho mencionado anteriormente, percebia com preocupação a ausência de uma formação em relação às massas, de forma que um grupo apenas controlasse o processo de transição e controle do Estado recém formado.

Após a independência se fazia necessário reconstruir a Argélia. A opção pelo socialismo de estado⁷ favoreceu o desenvolvimento industrial e, com o apoio de outros países alinhados à perspectiva terceiro-mundista, o país se tornou referência na luta pela libertação nacional, acolhendo militantes dos mais diversos países, inclusive o Brasil, que passava por uma ditadura.

Considerações finais

O espaço dedicado aos temas em análise nas obras de Memmi e Fanon é bem diferente. Enquanto o primeiro, a partir de uma perspectiva psicológica, busca caracterizar o colonizador e o colonizado nas suas especificidades, o segundo aborda de maneira mais acentuada o processo de independência, suas características e contradições. Embora com formação em psiquiatria, Fanon observava a situação colonial a partir das contradições de classe, embora não deixasse de lado a análise subjetiva dos indivíduos.

Analisar em profundidade o pensamento de cada um dos autores demanda mais espaço que o de um artigo. Contudo, dentro de tal limitação, busquei demonstrar a forma pela qual cada um percebeu a situação colonial e compreendeu o processo de libertação. Em um momento em que as tensões entre os países, em virtude das diferenças, sobretudo culturais, dentro de um

⁷ Todas as mudanças eram controladas pela classe dirigente, no caso em tela, os militares.



mesmo território se acentuam, retomar tais textos e perceber que continuam atuais mesmo em contextos diferentes é um saudável exercício. No prefácio da sua obra Memmi afirma que ele tem sido lido e apropriado para outros contextos de libertação, tais como a luta pela independência no país Basco, ou seja, seu pensamento é constantemente reatualizado.

A leitura de Fanon é fundamental para a compreensão de que a libertação por si só não acarreta a independência material dos países, tendo em vista que as classes dirigentes continuam, e muitas vezes de maneira mais intensa, as alianças com a metrópole, não rompendo definitivamente os laços de exploração. Assim, a atualidade de suas obras é evidente e se faz fundamental compreendê-las para que contribuam com a superação das relações desiguais. Conhecer tais especificidades contribui para a melhor compreensão da complexidade sócio-política que permeia a história do Oriente Médio e seus processos de libertação nacional.

Referências

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. A Época Clássica: As Grandes Escolas e as Grandes Figuras (o segundo terço do século XX). In: **O Pensamento Africano Subsaariano: Conexões e Paralelos com o Pensamento Latino-Americano e o Asiático (um Esquema)**. Rio de Janeiro: EDUCAM; CLACSO, 2008, p.101-136.

DUARTE-PLON, Leneide. **Da Argélia ao Brasil: como os militares franceses exportaram os esquadrões da morte e o terrorismo de estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

HENRIQUES, Isabel Castro. Colônia, colonização, colonial e colonialismo. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio Alves (orgs). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, ABA Publicações, 2014, pp. 45-58.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MEMMI, Albert. **Retrato do descolonizado árabe-muçulmano e de alguns outros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VICENZI, Roberta Aragoni Nogueira. **Nacionalismo árabe: apogeu e declínio**. Tese. (Doutorado em Ciência Política). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.